
Jornal Nacional como metáfora do quarto poder: As promessas cumpridas em uma edição para chamar de nossa¹

Iluska COUTINHO²
Luiz Felipe FALCÃO³
Simone MARTINS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

Resumo

Em 18 de junho de 2020 Fabrício Queiroz foi preso e o Ministro da Educação Abraham Weintraub pediu demissão. Os fatos tornaram-se motores de expectativa para a edição do Jornal Nacional (JN) naquela data. No cenário contemporâneo de disputa por poder simbólico entre Jair Bolsonaro e mídia, com tentativas do presidente e apoiadores de deslegitimar imprensa e jornalistas, as narrativas veiculadas pelo noticiário da TV Globo assumem lugar de alteridade em relação ao governo. A mobilização do público em manifestações nas múltiplas telas e dispositivos, foi de expectativa por aquela edição intitulada nas redes como “edição de colecionador”. Por meio da análise da materialidade audiovisual da cobertura da prisão de Queiroz percebe-se que o telejornal torna-se metáfora do quarto poder, ao assumir o papel de fiscal em defesa de seu público.

Palavras-chave: Telejornalismo; Público; Governo; Legitimidade; Quarto Poder

Introdução

A eleição de Jair Bolsonaro e todos os desdobramentos do atual governo têm se configurado como um espaço de substrato para que os pesquisadores da comunicação lancem olhares bastante atentos no sentido de analisar e entender os processos de comunicação que vão configurando, reconfigurando e mobilizando a sociedade brasileira. As investidas do presidente contra o trabalho dos profissionais da imprensa e suas respectivas redações tem se intensificado em 2020; o tom de “fio desencapado” conforma um discurso presidencial cada vez mais agressivo com reverberação em parcela da população, disposta a aumentar o tensionamento com a mídia, em defesa do governo. As câmeras de TV, ao vivo ou durante a gravação de reportagens em externatem registrado aproximações perigosas com um momento de barbárie, inclusive com agressões físicas de profissionais.

O Jornal Nacional(JN), veículo jornalístico tomado como objeto nesse artigo, por sua vez avança, aumentando o tom crítico no tratamento do governo. É nesse contexto que procuramos

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM UFJF. Jornalista, mestre e doutora em Comunicação, coordena o NJA - Núcleo de Jornalismo e Audiovisual e realiza pesquisas sobre Telejornalismo com apoio de Fapemig, CAPES e CNPq (bolsista PQ2). iluskac@globo.com

³ Mestre e Doutorando em Comunicação pela UFJF. Desenvolve estudos na linha de Pesquisa Mídia e Processos Sociais. Pesquisador do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: luizfelipefalcao@gmail.com

⁴ Mestre e Doutoranda em Comunicação pela UFJF. Bolsista Capes, desenvolve estudos na linha de Pesquisa Mídias e Processos Sociais do PPGCOM da UFJF. Pesquisadora do NJA (Núcleo de Jornalismo e Audiovisual). e-mail: sitema@gmail.com

discutir uma edição do Jornal Nacional que marca de forma bem significativa a relação de disputa entre o presidente, Rede Globo, apoiadores e público. Este último espera uma edição do telejornal para acompanhar mais um capítulo da briga; a queda de braço entre TV Globo e Jair Bolsonaro se tornou também assunto de interesse do público. A disputa por poder simbólico e todas as suas camadas narrativas conerte-se assim em mais um elemento que merece ser acompanhado.

Os efeitos práticos desse interesse pela “trama” (numa cadência narrativa bem próxima a de uma telenovela, naquilo que Coutinho (2016) nomeou dramaturgia do telejornalismo) podem ser observados desde os comentários em redes sociais digitais, uso de gifs, memes, piadas, vídeos e boas doses de ironia disparadas à exaustão.

Nos limites do artigo a proposta é tomar como objeto a cobertura da prisão de Fabrício Queiroz na edição do JN de 18 de junho de 2020. Além da informação sobre o desenrolar das investigações policiais acerca do esquema de desvio de dinheiro público envolvendo a família do presidente, que ganhou visibilidade com a prisão do ex-assessor do atual senador Flávio Bolsonaro, ganha destaque no interesse da audiência a cobertura do Jornal Nacional em si.

Ávidos para acompanhar, no vocabulário mais contemporâneo da internet, o “fogo no parquinho” público passa a esperar pela cobertura do JN⁵. O público se interessa, também, pelo desenrolar de uma narrativa mais ácida, interpretada e provocativa da edição tratada pelo público como sendo uma “edição de colecionador”. Por meio da análise da materialidade audiovisual, busca-se nesse artigo entender como ao (é)ditar o Brasil naquela data, o Jornal Nacional converte-se em metáfora do quarto poder, assumindo o papel de fiscal do governo em nome de sua audiência.

A disputa por poder simbólico entre Governo, Jornalismo e TV Globo

Quando falamos da queda de braço por poder e capital simbólico entre o governo e a mídia e ainda acrescentamos à receita uma participação mais efetiva do público na repercussão e emissão de opiniões, o resultado é uma mudança de narrativa que hoje, em muitas democracias, caminha para a ascensão de discursos e das pautas de extrema direita. Elas vêm ganhando força ao redor do mundo e também no Brasil. A inserção desse modo de pensar, de acordo com Luiz Felipe Miguel (2019), vai desde uma crescente nas publicações acadêmicas

⁵ Disponíveis em <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/18/como-bonner-falara-de-queiroz-memes-ironizam-prisao-de-ex-assessor.htm>; <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/18/memes-fabricio-queiroz-assessor-de-flavio-bolsonaro-atibaia.htm>; <https://catracalivre.com.br/entretenimento/os-memes-da-prisao-de-queiroz-estao-simplesmente-hilarios/>. Acesso em 07/07/2020.

incentivadas pelas iniciativas do capital ao uso de páginas voltadas, nas palavras do autor, a deslocar o centro de gravidade do debate público:

a ofensiva se dá, então, junto aos meios de comunicação de massa, que transformaram os principais porta-vozes da direita em estrelas do columnismo político, econômico e cultural e dão amplo espaço para os seminários organizados pelos *think tanks*⁶ ultraliberais (MIGUEL, 2019, p. 19).

Em 2008, Alfredo Vizeu, ao tratar da construção do real no telejornalismo, explicitou que à época os brasileiros acreditavam mais na mídia que no governo, e que esta temática precisava ser observada com um olhar atento. O jornalismo se configurava até então como uma das ferramentas decisivas nas disputas políticas e eleitorais. Os veículos de comunicação colocavam em si mesmos os rótulos da imparcialidade, dos arautos da democracia e acabaram criando para si uma encruzilhada. O público, ao perceber a falta de isenção, começa a questionar este lugar de fala.

Entretanto, o jornalismo consegue se reconectar com este lugar encontrando no fenômeno devastador das *fake news* uma possibilidade para a reafirmação do lugar de intérprete da realidade mesmo com o público atribuindo a carga de parcialidade que passou a imputar à mídia.

O auto discurso dos próprios meios de comunicação também costuma apresentá-lo como externo ao campo político. De maneira geral, o jornalismo – que não é a única, mas é a faceta mais visível da influência da mídia na vida política cotidiana – se coloca como mero reflexo do mundo, um canal neutro pelo qual passam os fatos para que o público possa tomar conhecimento deles. Ainda que hoje esteja disseminada a crítica aos ideais canônicos de imparcialidade, neutralidade e objetividades jornalísticas, eles continuam centrais na produção de legitimidade da mídia diante do público; na verdade, até mais centrais, diante da ameaça representada pela emergência de circuitos alternativos de disseminação da informação, baseados nas novas tecnologias. (MIGUEL, 2019, p.119)

O grande problema é que esse desvelar das relações entra em conflito com o modelo de financiamento da mídia tradicional no Brasil. O autor descreve um cenário de forças antagônicas em que o provimento de informações passa a estar em disputa, acirrando a crise de financiamento e empurrando empresas de mídia para a venda de influência política. A credibilidade estaria assim em nova encruzilhada, fragilizando o jornalismo, e oferecendo espaço para o discurso presidencial. Ele se coloca em oposição à mídia na busca por legitimar seu poder e reafirmar, sobretudo em lives e postagens no território das redes sociais⁷, suas concepções políticas antidemocráticas, elitistas, segregacionistas e discriminatórias. Esse fenômeno não é exclusivo do Brasil, e já havia sido destacado:

⁶ Laboratório de Ideias.

⁷ Há também o acionamento de emissoras de televisão próximas ao governo, entre elas a TV Record e o SBT, mas a forma preferencial de comunicação do governo passa ao largo da chamada grande mídia.

O fenômeno da desintermediação não ocorre apenas pelo surgimento de novos concorrentes na rede. Também é algo desejado e promovido por certos poderes que veem na mídia e nos jornalistas profissionais um inimigo. Mais temível do que os usuários de mídias sociais, mais facilmente manipuláveis. (...) Quando certos líderes desqualificam a mídia e voltam as massas contra as empresas jornalísticas, o fazem desde uma estratégia perfeitamente calculada. É claro que a mídia tradicional tem problemas com a sua falta de independência, mas a erosão da mídia tem sido uma excelente notícia para os manipuladores. Agora eles podem agir com maior impunidade, pois sabem que aqueles que deveriam monitorá-los desde a mídia perderam o vigor profissional e a influência que tinham no passado. (SALAVÉRIA, R 2019, p.6)

Entendemos que as ações e estratégias adotadas pelo presidente Jair Bolsonaro sugerem uma aproximação com o argumento de Noam Chomsky (2015) sobre propaganda política e busca por consenso, em análise do pensamento do norte-americano Walter Lippmann. Numa democracia de espectadores, para o autor, alguns assumem a função especializada na condução do país e outra parcela da população configura um “rebanho desorientado” a que é concedida a permissão para transferir seu apoio a um representante dessa classe especializada. Chomsky explica que a propaganda política busca dissolver a possibilidade de que as pessoas troquem conhecimento e possam se organizar e passar a compreender as ações e atitudes do governo.

É preciso manter as pessoas atomizadas, segregadas e isoladas. Elas não podem ser organizar, porque assim elas podem deixar de ser apenas espectadoras da ação. Na verdade, se um grande número de pessoas com recursos limitados conseguisse se juntar para ingressar na arena política, elas poderiam vir a se tornar participantes. E isso de fato é ameaçador. (CHOMSKY, 2014, p.7).

Mas por quais motivos esta maneira de enxergar as pessoas enquanto um “rebanho desorientado” esbarra no trabalho da imprensa? Qual o interesse em enfraquecer e desdenhar do jornalismo por parte de um governante? É simples. Basta considerarmos que a democracia pressupõe participação e que um dos instrumentos mais potentes de mobilização social é a informação (FALCÃO, 2019), a mídia e o trabalho dos jornalistas, portanto, é primordial para a manutenção dessa democracia. Fica bastante evidente porque o presidente insiste em reduzir o valor da imprensa. Ele não quer seu trabalho questionado. Outra estratégia de propaganda política apontada por Chomsky (2014) e que, na dinâmica do governo Bolsonaro, pode ser observada também é a de criar inimigos. O medo de uma ameaça apresentada pelo próprio governo tira a atenção do “rebanho desorientado” daquilo que está ao seu redor. Ele assim é mantido sob controle e disperso. “Tudo começa sempre com uma ofensiva ideológica que cria um monstro imaginário, seguida de campanhas para destruí-lo.” (CHOMSKY, 2015. p.18)

Entre os reflexos de tais ações e posicionamentos percebe-se riscos ao jornalismo e democracia constatados pela Federação Nacional dos Jornalistas. Na edição de 2019 do Relatório de Violência e Liberdade de imprensa⁸, os números apontam que a violência contra a imprensa aumentou durante o governo de Jair Bolsonaro. Sozinho, Jair Bolsonaro foi responsável por 121 agressões a veículos de comunicação e jornalistas.

A ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República afetou significativamente a liberdade de imprensa no Brasil. Em 2019, o número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas chegou a 208, um aumento de 54,07% em relação ao ano anterior, quando foram registradas 135 ocorrências. Em um ano de governo, o presidente Jair Bolsonaro, sozinho, foi o responsável por 121 casos (58,17% do total) de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas. Foram 114 ofensivas genéricas e generalizadas, além de sete casos de agressões diretas a jornalistas, totalizando 121 ocorrências. A maioria dos ataques de Bolsonaro foi feita em divulgações oficiais da Presidência da República (discursos e entrevistas do presidente, transcritos no site do Palácio do Planalto) ou no Twitter oficial de Bolsonaro. Foram 116 casos, já denunciados pela FENAJ em divulgação específica. A esses, somaram-se outros cinco casos de agressões feitas em entrevistas/conversas com jornalistas que não foram reproduzidas no site do Palácio do Planalto. A postura do presidente da República, ou melhor, a falta dela mostra que, de fato, a liberdade de imprensa está ameaçada no Brasil. O chefe de governo promove, por meio de suas declarações, sistemática descredibilização da imprensa e dos jornalistas. Com isso, institucionaliza a violência contra a imprensa e seus profissionais como prática de governo. Bolsonaro também utiliza o poder do seu cargo para tomar medidas que visam enfraquecer financeiramente as empresas de comunicação e a organização dos trabalhadores jornalistas. (FENAJ, 2020 p.1)

Investidas que não cessam. As disputas simbólicas que vêm sendo travadas e os novos sentidos traduzem emoções que levam a sociedade para uma configuração de acirramento das tensões e ânimos provocados por esse ambiente. Nesse artigo ganha destaque particular o tensionamento entre governo e seus apoiadores e a TV Globo, emissora líder de audiência, à despeito das crescentes perdas de público para a internet.

No livro “O Colapso da Democracia no Brasil” Luiz Felipe Miguel (2019) propõe um caminho pela linha do tempo e descreve as maneiras como imprensa e em particular a TV Globo se comportaram para oferecer apoio à parcela política conveniente aos seus interesses. A descrição começa com as eleições de 1982 quando, para impedir a vitória de Leonel Brizola ao governo do estado, a emissora carioca participou de um esquema que tentava fraudar o resultado das urnas chamado de “esquema Proconsult”. Já em 2002 a estratégia da Rede Globo foi, segundo Miguel, a de dar o mesmo espaço cronometrado a cada um dos candidatos, mas, durante as entrevistas, empenhou esforços em garantir deles que a política econômica em vigor não seria alterada. A postura contudo se modifica no primeiro governo do PT.

⁸ Disponível em https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf acesso em 16/01/20

A partir da crise do mensalão, no primeiro mandato de Lula, porém o quadro mudou. As campanhas de 2006, 2010 e 2014 foram num crescendo de engajamento eleitoral aberto. No processo, não só a Rede Globo, mas todos os principais veículos de comunicação brasileiros passaram a adotar um padrão menos cauteloso de envolvimento político. (MIGUEL, 2019, p.129)

No caso do governo Bolsonaro há um tensionamento já durante a entrevista com o candidato no primeiro turno, quando ele adotou postura de enfrentamento com os apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos. Eleito, se dirigiu aos brasileiros por meio de suas redes sociais, vídeos ao vivo que foram posteriormente compartilhados pelas emissoras de TV, como a Globo.

Em diversos vídeos compartilhados em suas plataformas e na de apoiadores, Bolsonaro investe agressivamente contra a imprensa e a TV Globo que, do outro lado, busca reafirmar o seu papel de intérprete principal da realidade nacional. A arma mais utilizada pela emissora de TV nessa batalha é o telejornal mais assistido do Brasil, o Jornal Nacional. Conhecedor da trama entre presidente e TV Globo, em um dia de notícias que fragilizam sensivelmente Jair Bolsonaro, o público não poderia deixar de esperar um capítulo marcante dessa disputa: uma “edição de colecionador” do Jornal Nacional.

A edição de colecionador: O JN como fiscal da audiência

Exibida em 18 de junho de 2020 essa edição do JN é investigada nesse artigo a partir do referencial teórico da Dramaturgia do Telejornalismo (COUTINHO, 2012), do Enquadramento Noticioso (LEAL, OLIVEIRA & MARTINS, 2016) e do método da Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2018). Para tanto, a narrativa construída nesta edição do Jornal Nacional é interpretada a partir de aspectos como as cabeças das matérias, a edição e o texto construídos, assim como de sua associação com elementos externos que emolduram o telejornalismo, em sua relação com a sociedade. Já na escalada⁹, William Bonner e Renata Vasconcellos abrem o noticiário em tom solene, dividindo as frases em falas intercaladas, como se estivessem desvendando um suspense.

⁹ Transcrição da escalada da “Edição de Colecionador”; as frases indicam as trocas de fala dos apresentadores na bancada e apresentam as informações como um evento olímpico: “Chega ao fim o sumiço de Fabrício Queiroz. Por determinação da justiça do Rio, a Polícia Civil de São Paulo prende o ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro. Queiroz estava em Atibaia, em uma casa registrada em nome do escritório de advocacia de Frederick Wassef. Segundo o caseiro, há cerca de um ano. Mas Wassef, que é advogado do filho do presidente Bolsonaro, repetia não saber onde estava Fabrício Queiroz. O Ministério Público do Rio afirma que Flávio Bolsonaro exigia parte do salário de assessores quando era deputado estadual. O chamado “escândalo da rachadinha” teve origem na movimentação financeira de Fabrício Queiroz. Depois de uma viagem de helicóptero, o homem – que é peça chave nessa investigação – está agora no presídio de Bangu, no Rio. Abraham Weintraub não é mais ministro da educação. Ele cai depois de 14 meses entre erros de português e ataques aos outros Poderes e até a líderes estrangeiros. Como último ato, Weintraub suspende o incentivo de inclusão de minorias em cursos de pós-graduação. O presidente Jair Bolsonaro o indicou para uma diretoria no Banco Mundial. O STF mantém a investigação sobre a disseminação de *fake news* e ameaças a ministros da corte. Retratos da pandemia no Brasil: no capital do Rio Grande do Norte, faltam até ambulâncias para o transporte de pacientes de Covid. E na capital do Amazonas a diminuição de doentes permite liberar leitos para outras enfermidades. O Jornal Nacional começa agora”. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8636825/>. Acesso em 07/07/2020.

Os apresentadores dividem a bancada com roupas sóbrias e vozes empostadas, revelando que aquela edição era, de fato, diferente das demais. Tomando por base os estudos de Iluska Coutinho (2006, p. 99), entendemos que a notícia no Jornal Nacional foi “estruturada como um drama cotidiano”.

Ao longo do primeiro minuto e meio de telejornal, durante a escalada, as informações sobre a prisão de Fabrício Queiroz e a demissão de Abraham Weintraub deixaram em segundo plano as notícias relacionadas à pandemia de Covid-19 no Brasil. Apesar de as informações sobre o coronavírus no país não terem sido enfatizadas na escalada do Jornal Nacional, o noticiário foi aberto com os dados sobre a pandemia, repetindo o espelho que tem adotado desde março¹⁰, quando o número de casos de infectados no país aumentou consideravelmente. As três primeiras matérias foram dedicadas ao tema da Covid-19 sendo as duas primeiras factuais e a terceira um conteúdo do quadro Aqui Dentro, veiculado no noticiário e que, de acordo com a descrição do G1 “dedica um momento especial de cada edição aos profissionais de saúde que tentam salvar vidas na pandemia de coronavírus”. Ao fina do quadro são reforçados o número de infectados e de vidas perdidas com a Covid-19, assinalando sua gravidade. Nesse sentido, o Jornal Nacional exercita a pedagogia do telejornalismo. Conforme Vizeu e Cerqueira tanto educadores quanto jornalistas “são produtores de conhecimento, construtores de realidade e, de alguma forma, responsáveis pela reprodução de valores, hábitos” (2018, p. 42-43). Com a inscrição do quadro associada à nota pé, o JN reforça seu lugar simbólico de membro do quarto poder, fiscalizador dos demais em nome da audiência.

Ainda no primeiro bloco há uma matéria que questiona a eficácia do governo federal no pagamento do auxílio emergencial, o que é evidenciado no texto de abertura em que o editor chefe do telejornal destaca que milhões de brasileiros ainda aguardam para receber o benefício. Na chamada para o segundo bloco de notícias. Renata Vasconcellos e William Bonner, na bancada, convidam os espectadores para acompanhar o fim da expectativa gerada pelo “sumiço” do ex-assessor do filho do presidente da República desde o começo

¹⁰ Desde que a doença virou pauta mundial, ainda em fevereiro, passou a ser acompanhada também pelo noticiário diariamente, dedicando o início de suas edições a um retrato da pandemia no Brasil e no mundo. Já no dia 19 de junho o Brasil ultrapassava a marca de um milhão de casos confirmados de Covid-19 (1.038.568 casos, segundo dados do levantamento dos consórcios dos veículos de imprensa junto às Secretarias de Saúde dos Estados). O número de mortos em decorrência do coronavírus também ultrapassava 49 mil pessoas. Dados extraídos de <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 13/07/2020.

do governo Bolsonaro¹¹, aproximando a informação da narrativa dramática, como sugere Coutinho (2006).

A reportagem de abertura do segundo bloco do Jornal Nacional destacou – com toques de filme de suspense – a prisão de Fabrício Queiroz, adotando uma postura crítica acirrada em relação ao ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro. O JN tratou da prisão de Queiroz como um espetáculo, dando mais visibilidade ao caso e com o enquadramento que produzia sentidos de reforçar o seu papel de fiscal implacável com as condutas negativas associadas aos membros do governo.

Ao anunciar a matéria como em um desfecho de um filme de suspense, acreditamos que o noticiário tenha decidido dar visibilidade negativa à Queiroz e, posteriormente, a toda a família Bolsonaro. Isso porque compartilhamos do entendimento de Coutinho (2013, p. 116), para quem a existência de personagens e o papel representado por eles no texto noticioso assemelham-se aos modelos e estereótipos presentes em obras dramáticas. Fabrício Queiroz surge na tela do JN como um bandido, um foragido, apesar de não ter sido até então expedido nenhum mandado de prisão contra ele. Ao informar que o ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro havia sido preso pela Polícia Civil de São Paulo, a cabeça destacou que a Justiça apontava haver provas de peculato, lavagem de dinheiro, organização criminosa e obstrução da justiça, contra Queiroz, que estaria ainda tentando destruir provas do “esquema de rachadinhas”¹² na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e que envolviam um dos filhos do presidente, Flávio Bolsonaro. Como no desenrolar de um filme de suspense o texto de abertura ainda informou o cumprimento de mandados de busca e apreensão em endereços de outras pessoas ligadas a Flávio Bolsonaro. Renata Vasconcellos destacou o lugar onde a prisão havia acontecido: um imóvel em Atibaia-SP, registrado em nome do escritório de advocacia de Frederick Wassef, advogado de Flávio, senador do Republicanos e filho de Jair Bolsonaro.

No início da reportagem são mostradas imagens aéreas da casa onde Fabrício Queiroz estava escondido, como em um trailer de ação. O texto do repórter Bruno Tavares foi

¹¹ Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/desde-que-foi-flagrado-por-revista-em-sp-queiroz-sumiu-por-293-dias>. Acesso em 14/07/2020.

¹² Funcionários do gabinete de Flávio Bolsonaro são suspeitos de devolver partes do salário para o parlamentar, uma prática conhecida como rachadinha. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/20/entenda-suspeitas-do-mp-sobre-flavio-bolsonaro-em-esquema-de-rachadinhas-na-alerj.ghtml>. Acesso em 15/07/2020.

construído como se, junto com as imagens, montasse um quebra-cabeças¹³ e ligasse Queiroz à família e aos amigos do presidente da República. O suspense narrativo indicava o desfecho desejado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, a prisão do ex-PM.

Os primeiros indícios apontavam que os investigadores seguiam a pista certa: as luzes da casa acendiam e apagavam, e era possível ver vultos lá dentro. Os agentes precisavam ser discretos: tinham a informação de que havia um esquema de segurança na casa, criado para alertar sobre qualquer movimentação suspeita, mas ninguém entrava e nem saía do imóvel.(...) Só hoje, às 6 da manhã, quando entraram na casa, os investigadores tiveram certeza de que o homem que procuravam estava ali. Fabrício Queiroz dormia quando policiais do departamento de ações estratégicas da Polícia Civil paulista chegaram. (...) O ex-policial militar não esboçou reação. (TAVARES, 2020). Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8636825/>. Acesso em 07/07/2020.

A matéria informa que a amizade entre Fabrício Queiroz e Flávio Bolsonaro era de longa data, e que as suspeitas de irregularidades se concentravam no período em que Queiroz havia sido assessor e motorista de Flávio, então deputado estadual no Rio de Janeiro. Márcia Oliveira de Aguiar, esposa de Queiroz, também tinha um mandado de prisão expedido, mas não estava na casa de Atibaia. Uma sonora com o promotor responsável acrescentava que a operação havia acontecido dentro do esperado, trecho acompanhado por inserção de imagens aéreas da casa. Em seguida uma arte mostra o espaço onde Queiroz estava no momento da prisão.

(...) estava neste imóvel maior, que fica logo na entrada do terreno. O caseiro ficava numa edícula, nos fundos. Os policiais revistaram todos os cômodos. Nesta foto, a que a TV Globo teve acesso, dá pra ver um cartaz com referência ao AI-5. Fazia parte da decoração: estava em cima da lareira.

O repórter relembra aos telespectadores o que havia sido o AI-5, e como esse ato da ditadura militar foi prejudicial à liberdade dos brasileiros. Mostra que o cartaz estava em meio a figuras do personagem Tony Montana, um traficante interpretado por Al Pacino no filme *Scarface*¹⁴, em uma mensagem subliminar relacionando o morador da casa à ditadura e à materialização do “sonho americano”. Na passagem, o repórter Bruno Tavares informa que segundo o caseiro Queiroz morava no imóvel há cerca de um ano; os investigadores acreditavam que a casa havia sido escolhida como esconderijo porque a Constituição Federal estabelece que escritórios de advocacia são invioláveis, de maneira que o investigado sentia-se protegido no local. Três sonoras com vizinhos acrescentam que o

¹³ “A casa ampla, localizada em um bairro residencial de Atibaia, no interior de São Paulo, começou a ser monitorada há 10 dias. A missão era sensível: descobrir se o ex-assessor parlamentar de Flávio Bolsonaro vivia ali. O endereço está registrado na OAB como escritório de Frederick Wassef, que aparece como dono do imóvel no cadastro da prefeitura da cidade. O advogado defende o senador Flávio Bolsonaro, do Republicanos, e é muito próximo da família de Jair Bolsonaro”.

¹⁴ Tony Montana é um traficante, refugiado cubano, que vive nos Estados Unidos. <https://entretimento.uol.com.br/colunas/roberto-sadovski/2020/06/18/quem-e-tony-montana-traficante-visto-em-esconderijo-de-fabricio-queiroz.htm>

hóspede era uma pessoa discreta e que nunca haviam notado nada estranho. Há trechos de entrevista concedida pelo promotor da operação, José Cláudio Tadeu Baglio à Globonews, revelando que Fabrício Queiroz não reagiu à prisão, mas mostrou-se surpreso; confessou não esperar passar pela situação depois de mais de 30 anos como policial militar reformado. A reportagem tem ao todo mais de 14 minutos; o enredo é encerrado com a descrição minuciosa do trajeto percorrido pelo ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro até chegar ao Rio de Janeiro.

O tema tem continuidade no JN com nova reportagem, agora assinada por Bette Luchese, com informações sobre a movimentação na capital carioca. Com a mesma estrutura da primeira matéria, em ritmo de filme de ação, a única informação nova é que o Ministério Público pediu a prisão de Fabrício Queiroz por praticar atos ilegais e mesmo escondido ainda ter influência sobre milicianos do estado do Rio de Janeiro e influência política pleitear nomeações em cargos comissionados, e ainda capacidade de ameaçar testemunhas e outros investigados, atrapalhando a apuração dos fatos. Há uma certa repetição excessiva daquilo que é mostrado nas imagens, nos *off's* da repórter, como se a notícia quisesse comprovar, documentalmente, tudo o que estava sendo informado.

Além disso, ao abordar a prisão de Queiroz, a matéria ainda questiona de forma indireta a idoneidade do filho do presidente da República, ao apresentar decisão judicial do MP do Rio que mostrava que o preso pagara em espécie as mensalidades escolares das filhas do ex-deputado estadual Flávio Bolsonaro. Para a compreensão dessa cobertura, o enquadramento noticioso é conceito relevante: “(...) recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão, etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos” (PORTO, 2002, p. 6). Ao repetir dados mostrados em arte ao longo da matéria, evidenciando existência de comprovação documental, o JN buscou reforçar o enquadramento noticioso negativo quanto à imagem de Fabrício Queiroz e, conseqüentemente, da família Bolsonaro.

A matéria ainda inclui sonora com o advogado de Queiroz, que avaliou ser excessiva a prisão preventiva do ex-assessor de Flávio Bolsonaro, e a informação de que a esposa do ex-assessor, não localizada na operação, se tornara foragida da Justiça. A reportagem é encerrada como os desfechos de um filme de ação, sempre com uma lição moral, “a explicitação de uma mensagem ‘educativa’, quase sempre acrescida de juízo de valor” (COUTINHO, 2012, p. 145), ao informar que Fabrício Queiroz estava em Bangu 8, junto com outros presos conhecidos, como o ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. O

tratamento da prisão no JN teve duração de 21 minutos e 18 segundos, e representou associações negativas para a imagem do presidente da República, pela ligação entre seu primogênito e o ex-PM. Rossy e Moura (2018) afirmam que os noticiários televisivos procuram se afirmar como uma autoridade de controle social, para além de sua atribuição precípua de noticiar fatos.

Consideramos, sob a perspectiva da narrativa moralizante, que para além dos clássicos valores-notícia há uma agregação de valor adicional pelo telejornal. O valor-moral pode ser definido como o valor agregado que o telejornal adiciona à notícia de modo que o telespectador disponha de informações que possam auxiliá-lo não apenas na compreensão dos fatos, mas na percepção de comportamentos e atitudes que exercem influência nas relações interpessoais e no convívio social (ROSSY; MOURA, 2018, p. 74).

Dessa forma, julgamos que a narrativa moralizante descrita pelas autoras constitui-se, no enquadramento adotado pelo noticiário, ou seja, na forma como o Jornal Nacional construiu a reportagem, organizando a narrativa, (des)qualificando Fabrício Queiroz, apontando seu (desvio de) comportamento e atitude, valorando-o negativamente para, enfim, prescrever comportamentos que julga adequados e corretos.

Há um terceiro VT sobre a temática, no mesmo bloco de notícias. A matéria revela a estreita ligação entre Flávio Bolsonaro e Fabrício Queiroz; o ex-PM havia trabalhando por mais de 10 anos no gabinete do então deputado estadual até passar a ser investigado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro. O off inicial é coberto por fotos de Queiroz com a família Bolsonaro, sugerindo uma amizade verdadeira. A informação de que Fabrício Queiroz é amigo de Jair Bolsonaro há mais de 30 anos, destacando o contato do ex-PM com o agora presidente da República. De acordo com o JN Bolsonaro e Queiroz se conheceram no exército brasileiro, como o “soldado Queiroz e o capitão Jair”, e continuaram próximos mesmo depois de deixarem a carreira militar, o que é reforçado por imagens postadas em redes sociais que sinalizam amizade e intimidade entre as duas famílias. O enredo histórico de Queiroz registra que ele se tornou policial militar e em 2003 foi acusado de matar um técnico de refrigeração durante uma operação da PM junto com outro colega, Adriano da Nóbrega, caso que continua aberto. Quatro anos depois do episódio o ex-PM passou a trabalhar assessor de Flávio Bolsonaro, contratado pela Assembleia Legislativa do Rio. O enquadramento noticioso é negativo para a família Bolsonaro; destaca que Queiroz havia ganhado a atenção do país no momento mais importante para a família do presidente, logo depois da eleição de 2018, quando se tornou pública a investigação das rachadinhas. Outra referência nesse sentido narrada na

reportagem é que uma das transações descritas pelo COAF envolvia um cheque de 24 mil reais depositado na conta da hoje primeira-dama Michelle Bolsonaro; há menção da explicação apresentada pelo presidente Bolsonaro de que o valor referia-se à pagamento de um empréstimo feito a Queiroz, no valor total de 40 mil reais.

O JN ainda informa que nos dez anos que Fabrício Queiroz trabalhou no gabinete de Flávio Bolsonaro, sua esposa e suas duas filhas também foram funcionárias do ex-deputado estadual, e realizaram repasses para a conta de Queiroz. O ex-Pm também teria indicado para o gabinete de Flávio Bolsonaro a mãe e a ex-esposa do amigo e parceiro Adriano da Nóbrega, seu antigo companheiro na operação que terminou com uma morte. Mais uma vez utilizando-se da dramaturgia do telejornalismo, a reportagem assume papel de filme de ação ao revelar – por meio de fotos e imagens de arquivo – que Adriano da Nóbrega, ex-capitão do BOPE¹⁵, havia sido denunciado como chefe de um grupo de milicianos e assassinos de aluguel e acabou morto em uma operação policial que tentava prendê-lo na Bahia. A reportagem-ação prossegue com a informação de que os investigadores do Ministério Público descobriram que a mãe e a ex-mulher de Adriano receberam mais de um milhão de reais em salários em oito anos, mas não apareciam para trabalhar e ainda que, desse total, 200 mil reais foram transferidos para contas de Fabrício Queiroz. Na passagem Paulo Renato Soares revelara que Queiroz ficava com os contracheques para prestar contas sobre o percentual que era retido dos salários, repassados para uma organização criminosa que atuava dentro do gabinete. A reportagem ainda narra um afastamento entre as famílias, a partir da eleição de Bolsonaro, a sensação de abandono de Queiroz, mas a manutenção de seu poder de influência, como registram gravações de áudio: “Tem mais de 500 cargos lá, cara, na Câmara, no Senado. Pode indicar para qualquer comissão ou alguma coisa sem vincular a eles em nada, em nada”. A matéria tem mais de seis minutos de duração, e é encerrada com a informação de Willian Bonner, em tom solene, de que o senador Flávio Bolsonaro já havia tentado nove vezes interromper na Justiça as investigações sobre Fabrício Queiroz. O editor chefe do JN ainda acrescentou que, desde o início do escândalo, o filho mais velho do presidente manifestou opiniões diferentes sobre o ex-assessor, em um vai e vem de sentimentos parecido com um bolero. A quarta matéria associada ao tema apresentada na edição é construída a partir de registros de arquivo, que reafirmam a avaliação do Bonner, e com informações do MP que detalham os repasses; a realização de 48 depósitos em dinheiro vivo, cada um no valor de R\$2mil; a

¹⁵ Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

versão do senador; a quebra de sigilo bancário e fiscal dele e da esposa. Em passagem em frente a Assembléia Legislativa, o repórter Pedro Bassan informa que Ministério Público acredita ser Flávio Bolsonaro o chefe de uma organização criminosa que atuou em seu gabinete de deputado estadual na ALERJ de 2007 a 2018. Os promotores teriam rastreado os valores; parte do dinheiro recebido pelo senador no esquema das rachadinhas teria sido investido em uma loja de chocolate e ainda haveria uso de negócios imobiliários pra encobrir os desvios de recursos da ALERJ. Registra-se ainda nove tentativas do senador de paralisar na Justiça a investigação, e a busca deste de distanciar-se de Fabrício. A relação entre senador e ex-assessor é atravessada ainda por referências a áudios e declarações que envolvem outros dois personagens da política: o governador do Rio Wilson Witzel e o empresário e suplente do senador, Paulo Marinho. A reportagem tem pouco mais de sete minutos de duração e reforça a imagem negativa de Flávio e da família Bolsonaro.

A quinta reportagem sobre a prisão de Queiroz tem como foco a relação entre a família Bolsonaro e o advogado Wassef, em cuja casa Fabrício foi preso. A reportagem evidencia admiração e devoção de Wassef por Jair Bolsonaro de quem teria sido consultor no caso da deputada Maria do Rosário (PT). Com o processo eleitoral para a presidência em andamento, Wassef tornou-se o homem de confiança de toda a família, participou dos bastidores da campanha e intensificando seu contato após a posse do presidente, em consultorias jurídicas. A matéria ainda evidencia a atuação de duas repórteres, Andrea Sadi e Camila Bonfim que evidenciam contradições entre o discurso do advogado e a prisão de Queiroz em seu imóvel. A matéria registra três encontros entre Wassef e Bolsonaro, de acordo com a agência da presidência, embora o advogado tenha estado pelo menos 13 vezes no Planalto ou no Alvorada. O noticiário dedica quase 10 minutos nesse VT para tratar sobre o desdobramento da prisão de Fabrício Queiroz, e produz simbolicamente sentidos de suspeição da confiança dos espectadores nas ações do governo federal.

Em estúdio Bonner informar que a prisão do ex-assessor de seu primogênito teve impacto na rotina do presidente, que Bolsonaro passou o dia em reunião com ministros e parlamentares; comentou publicamente o assunto no início da noite, afirmando não ter envolvimento. O clima de suspense, inclusive em termos de construção visual, é reproduzido na matéria. A prisão de Queiroz havia “atropelado” a agenda presidencial, com convocação de ministros da área jurídica e militares às pressas para uma reunião de “duas horas de muita tensão”. O presidente teria falado diversas vezes com os filhos por telefone, discutindo estratégias de defesa; em busca de apoio político, líderes do Centrão foram

chamados para almoço com Bolsonaro, quando negociaram cargos no governo. A passagem de Delis Ortiz revela pronunciamento de Bolsonaro via rede social particular em que diz não ser advogado de Queiroz, e critica a forma da prisão, que teria sido “espetaculosa”; o presidente defendeu Queiroz. Em pouco mais de três minutos o noticiário mostrou a perda de estabilidade do presidente da República com a prisão do ex-amigo. Há ainda a repercussão do episódio no meio político com exibição de duas notícias, uma com os apoiadores do governo que defenderam Jair Bolsonaro, e outra com parlamentares de oposição apostando no esclarecimento de suspeitas que envolvem o senador Flávio Bolsonaro, filho do presidente.

Considerações finais

Ao todo o Jornal Nacional dedicou mais de 40 minutos de sua edição à cobertura da prisão de Fabrício Queiroz, com a articulação de sete longas reportagens, quase todas conduzidas por repórteres experientes. A edição de colecionador ainda trouxe outros temas negativos para o governo federal, como a validação do inquérito das *fakenews* pelo STF e a demissão de ministro da Educação.

Ao narrar o episódio o JN legitimou o poder judiciário em detrimento de legislativo e executivo, colocados sob suspeição à partir da investigação policial, das vozes acreditadas do Ministério Público, instituição permanente e essencial à função jurisdicional do Estado conforme a Constituição Federal de 1988, e da atuação dos jornalistas da emissora. Por meio de perguntas, textos de off e de passagem e também pela própria edição realizada, a materialidade audiovisual produz sentidos de suspense e suspeição associados ao presidente Jair Bolsonaro e à sua família; Flávio e Michele Bolsonaro são citados como beneficiários do esquema de desvios envolvendo Fabrício Queiroz.

Ao colocar em questão as versões do presidente e do senador, por meio do uso de material audiovisual retirado de suas redes sociais e gravações anteriores, confrontadas com documentos e resultados da investigação policial, o JN reforça sua credibilidade e voz de autoridade, na disputa simbólica com o governo federal. Merece destaque o fato de que o presidente não é entrevistado pelo telejornal, mas recorre a desintermediação ao buscar comunicar-se diretamente com seus eleitores pelas redes sociais digitais. Isso contudo não impede o telejornal de inscrever seus depoimentos, inscrevendo sentidos por meio da edição.

Se o presidente da república não se expõe às perguntas dos repórteres da emissora, que na perspectiva do quarto poder, fiscalizariam o executivo em nome dos cidadãos, o JN busca estratégias para realizar os questionamentos necessários por meio de personagens de seu entorno. O advogado Frederico Wassef, o senador Flávio Bolsonaro, e ainda o ex-assessor Fabrício Queiroz, cujo áudio é repassado pelas autoridades do MP, tem suas vozes apresentadas nas matérias, com seleções que reforçam os tons de deslegitimação.

Em reportagem clássica do Novo Jornalismo, Gay Talese construiu o perfil de Frank Sinatra sem conseguir entrevistar o cantor. Assim, como em “Frank Sinatra está resfriado”, o Jornal Nacional recorre aos fazeres jornalísticos para apurar e contar histórias, mesmo sem ter o presidente da República como entrevistado.

Assim, atende às expectativas da audiência em uma edição de colecionador em que assume o papel de fiscal do cidadão, e se converte em metáfora do quarto poder, televisivo.

Referências bibliográficas

- CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. WWF Martins Fontes, 2015.
- COUTINHO, Iluska. **Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação em TV**. In: VIZEU, Alfredo; MOTA, Célia; PORCELLO, Flávio (orgs.). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.
- _____. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- _____. **Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade**. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V7. Florianópolis: Insular, 2018.
- FALCÃO, Luiz Felipe Novais & TEIXEIRA, Gustavo. E a Comunicação Pública, candidato??? Jornalismo nas mídias sociais digitais nas eleições 2018. In: FERNANDES, Carla Montuori. *Comunicação política, eleições 2018 e campanha permanente*. Cia do Ebook, 2019.
- FENAJ. Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil. Fenaj: Brasília, 2020. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf Acesso: 17/01/2020.
- LEAL, P.R.F; OLIVEIRA, L.A. & MARTINS, T.F. Pronunciamentos da presidente Dilma e enquadramento noticioso dos portais UOL e Carta Capital. In *Comunicologia - v.9 - n.1*. Brasília: UCB, 2016.
- MIGUEL, Luis Felipe. **O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao golpe de 2016**. Fundação Rosa Luxemburgo, 2019.
- PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. Anais do 26º Encontro anual ANPOCS. Caxambú, 22 a 26 set. 2002. Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file>. Acesso: 20/12/2019.
- ROSSY, Elizena de Jesus Barbosa; MOURA, Dione Oliveira. **A narrativa moralizante do Jornal Nacional: uma leitura em diálogo com as propostas de Robert Park**. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V7. Florianópolis: Insular, 2018.
- SALAVERRIA, Ramon, Fluxos Comunicacionais e Crise da democracia. INTERCOM 2019 - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém (PA), Brasil — 2-7 Set.
- VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. **Os saberes da Pedagogia da Autonomia no Telejornalismo**. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V7. Florianópolis: Insular, 2018.